

Auroras migrantes

Auroras in migration

Maria Zilda Ferreira Cury

Universidade Federal de Minas Gerais/CNPq – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil



Resumo: A mundialização diz respeito tanto aos movimentos de populações, à circulação de mercadorias e de imagens como ao conjunto das manifestações artísticas. Ela é indissociável, no entanto, das contradições que a acompanham: a exclusão social de grupos minoritários, a desigualdade da repartição dos bens, o aprofundamento das contradições sociais, a exclusão das populações imigrantes. A partir da análise de um conto de Monique Proulx, pretende-se uma reflexão sobre as linguagens da mobilidade.

Palavras-chave: Globalização; Minorias; Desigualdade; Literatura

Abstract: Globalization refers such to population movements, as to the circulation of goods and images and all forms of art. It is inseparable, however, the contradictions that comes with it: the social exclusion of minority groups, the inequality distribution of riches, the deepening of social contradictions, and the exclusion of immigrant populations. From the analysis of a short story by Monique Proulx, this article intends to reflect on the mobility of languages.

Keywords: Globalization; Minorities; Inequality; Literature

*To travel consists in operating a profoundly unsettling inversion of one's identity: I become me via another. Depending on who is looking, the exotic is the other; or it is me.*¹

(TRINH MINH HA)

Os trânsitos contemporâneos vêm transformando radicalmente os espaços urbanos, a feição dos diferentes grupos sociais e seu modo de inserção no mundo, incidindo sobre o corpo social e sobre o corpo do sujeito que se desloca.

Multiplicam-se na esfera acadêmica mundial estudos envolvendo as mobilidades e toda uma gama de reflexões motivada pelas errâncias e deslocamentos que caracterizam intensamente o nosso mundo globalizado ganha prestígio nos ensaios críticos de muitas áreas da produção de conhecimento.

Mobility, it seems, is also ubiquitous in the pages of academia. It plays a central role in discussions of body and society. It courses through contemporary theorizations of the city. (CRESSWELL, 2006, p. 1)²

As ressonâncias dessas movências, facilmente perceptíveis na esfera da produção cultural, conformam um Imaginário da Mobilidade que, para continuar referindo o texto de Tim Cresswell, significativamente

denominado *On the move*, fazem da cultura da contemporaneidade uma dinâmica híbrida, sem lugares fixos, que diz mais de rotas do que de raízes, “more about routes than roots” (CRESSWELL, 2006, p. 1). Muito além de um jogo de palavras, o trocadilho utilizado pelo geógrafo inglês evidencia como a apreensão dos espaços contemporâneos se dá sob um gradiente de mobilidade, que requer conceituações em aberto, também elas reenviando para um campo epistemológico que se apresenta em contínua reestruturação³. O jogo de palavras

¹ Viajar consiste em operar uma alteração profunda da própria identidade: dependendo de quem está olhando, o exótico é o outro ou sou eu. (Tradução minha).

² Parece que a mobilidade é algo ubíquo nas páginas da academia. Desempenha um papel central nas discussões sobre o corpo e sobre a sociedade. Ela flui nas teorizações sobre a cidade.

³ No Brasil, nos últimos anos, muitos estudos envolvendo novas conceituações de espaço e reflexões sobre os deslocamentos contemporâneos vieram à luz. Veja-se a este respeito a importante publicação *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos* (2010), organizado por Zilá Bernd. Cf. também *Teorias do espaço literário*, de Luis Alberto Brandão, de 2013.

testemunha os desenraizamentos e desterritorializações que acompanham os trânsitos contemporâneos. Não é sem razão, pois, que os estudos Geográficos e Geopolíticos tenham adquirido tanta importância, hoje, no campo das Ciências Humanas, uma vez que a compreensão do espaço em sua movência é decisivo para o sujeito contemporâneo. As mobilidades contemporâneas atingem, pois, com força desconstrutora muitas áreas do conhecimento. “As with sociology, anthropology, and cultural studies, geography has started to take a keen interest in the way mobility has changed both the world and our ways of knowing it” (CRESSWELL, 2006, p. 45)⁴.

Como enfatiza Michel Maffesoli (2001), o homem sempre deslocou pelo mundo e todos os agrupamentos humanos são marcados pela errância. No entanto, nossa contemporaneidade vive sob signo contraditório de mobilidades de amplitude e intensidade inauditas. Mobilidades que envolvem os deslocamentos de pessoas pelo planeta, as facultadas pelas mídias que imprimem novas direções nos modos de apreensão do mundo, de relacionamento interpessoal e de produção do conhecimento, ou, ainda, aquelas que conferem novos aportes ao Imaginário contemporâneo alterando as realizações artísticas que as incorporam na sua própria fatura (Cf. MOSER, 2004). Vive-se, hoje, pois, sob o impacto de realidades em trânsito que promovem a configuração de novos sujeitos e novos objetos culturais.

Tais deslocamentos intensos próprios ao mundo globalizado, porém, não se dão sem contingenciamentos, isto é, não são despidos de contradições uma vez que as mobilidades se atrelam a esferas políticas, implicando, sempre, relações de poder. “The movements of people (and things) all over the world and at all scales, after all, are full of meaning. They are also products and producers of power” (CRESSWELL, 2006, p. 2)⁵. Como nos evidenciam vários estudiosos, vivenciamos movimentos de contenção e controle que restringem as mobilidades, transformando-as em signos contraditórios de processos de globalização assimétricos e desiguais.

O acesso à informação, num pretenso tempo real, circulando rápida e intensamente nas redes e a diminuição das distâncias motivada pela facilidade dos deslocamentos e pela modernização dos meios de transporte convivem com a multiplicação de barreiras e a intensificação dos conflitos, do medo e da violência nos grandes aglomerados urbanos. A divisão internacional do trabalho exhibe, como consequência, uma face perversa. Por todos os países generalizam-se situações de carência

material, de subemprego e de desemprego estrutural, com o aumento de uma população colocada à margem do mercado. Amplos contingentes da população mundial se deslocam premidos por situações de precariedade extrema, marginalizados que são das benesses facultadas pelo mundo globalizado, instados a deixarem seus países de origem pela fome, pelas guerras, por perseguições políticas ou religiosas, pela discriminação. A instabilidade social é uma das consequências mais negativas dos mecanismos de flexibilidade e mobilidade que delineiam a chamada mundialização contemporânea.

As desterritorializações e desigualdades advindas dos deslocamentos igualmente afetam o mundo como um todo. Exibem, no entanto, suas consequências mais perversas nos espaços do chamado Terceiro Mundo e nas periferias do Primeiro Mundo, tornando dramáticas as condições de vida dos imigrantes ou mesmo dos migrantes que se deslocam no interior de seus próprios países, como nos evidencia Arjun Appadurai (2006) ao considerar a globalização um *slogan* positivo para as elites, mas angustiante para os que se encontram à margem. O pensador indiano se refere aos países do Terceiro Mundo, mas também inclui os migrantes e desfavorecidos que ocupam as margens dos países do Primeiro Mundo no cômputo das desterritorializações contemporâneas. São as vidas desperdiçadas de que nos fala, ainda, o sociólogo Zygmunt Bauman (2006), quando aproxima a produção de lixo no mundo contemporâneo à simultânea produção de seres humanos “refugados” do *progresso econômico*. “Os refugiados, os deslocados, as pessoas em busca de asilo, os migrantes, os “sans papiers”, constituem o refugio da globalização” (BAUMAN, 2006, p.76). Já em 1978, Milton Santos dizia que a pobreza era fenômeno que ganhou extrema atualidade no mundo globalizado, uma vez que atingiu todos os países. O geógrafo brasileiro acentua que mesmo que os países subdesenvolvidos sejam por ela mais fortemente marcados, o fenômeno da urbanização crescente vem acompanhado pela expansão da pobreza nos países mais ricos (SANTOS, 2009, p. 9), o que também neles contribui para a precariedade com que vivem os marginalizados do chamado Estado do Bem-estar Social.

O espaço da produção artística igualmente se deixa atravessar pelas mobilidades contraditórias presentes em nossa época. Nas artes plásticas, por exemplo, observa-se a preferência pela transitoriedade de formas, pelas instalações, pelo uso de material perecível, configurando opções estéticas que se propõem simultaneamente à reciclagem e à desconstrução de formas tradicionais da arte. A frequente opção por instalações é um dos índices da incorporação do provisório na própria fatura das obras, apontando para um novo estatuto do objeto artístico. Como nos assinala Walter Moser “[...] les contacts entre

⁴ Como ocorreu com a sociologia, com a antropologia e os estudos culturais, a geografia começou a ter um interesse apurado na maneira como a mobilidade mudou tanto o mundo como os modos de compreendê-lo.

⁵ Os movimentos de pessoas (e coisas) por todo o mundo e em todas as escalas, no fim das contas, estão carregados de sentido. São produtos e produtores de poder.

déchets et art se sont multipliés, ce qui a donné lieu au développement de diverses esthétiques du déchet” (MOSER, 1999, p. 89)⁶. Tomem-se como exemplo a arte do brasileiro Vik Muniz, que se serve da reciclagem e do lixo, ou a de Gabriela Gusmão que flagra com sua câmera fotográfica objetos criados por moradores de ruas e vendedores ambulantes. Vejam-se, ainda, as instalações da artista canadense Jana Sterbak, feitas de metal e gelo, e que literalmente se dissolvem diante do espectador ou as exposições da moçambicana Ângela Ferreira, que exigem a mobilidade do olhar do espectador ao acionar, na mesma obra, vídeo, maquetes e sons, em estruturas que parecem desequilibradas, prestes a desmoronar.

E no que diz respeito à criação literária? Ela também sofreria tais impactos? Como aproximar texto literário e as mobilidades e, principalmente, como aproximá-lo dos refugos ou dejetos? Poderíamos falar em uma estética literária da precariedade, neste sentido?⁷ É ainda Walter Moser que pergunta:

La littérature peut-elle également utiliser des déchets? [...] à quoi exactement correspond la notion de déchet si on l’applique à la langue, au texte, au discours, et ceci en deçà de sa thématisation littéraire, au niveau de la matérialité du médium langagier? Il s’agit, certes, d’un usage plus ou moins métaphorique de ‘déchet’, mais beaucoup de textes littéraires établissent un lien subtil entre la représentation thématique du déchet non verbal et la figuration du matériau verbal comme déchet. (MOSER, 1999, p. 102-103)⁸

Todas estas considerações – envolvendo as consequências perversas das mobilidades contemporâneas e uma estética dos dejetos e da precariedade – são importantes para a leitura que aqui se pretende fazer de um dos contos do livro *Les aurores montréalaises*, da escritora e roteirista quebequense Monique Proulx (1997).

Não pretendo discorrer longamente sobre o livro, mas é importante marcar que a cidade de Montreal é nele apresentada como o *carrefour* de culturas e etnias, que é como o imaginário da cidade se constrói para estrangeiros

e para os próprios canadenses. Imaginário que se apresenta, insistentemente, como aquele de uma identidade plural, comunidade cosmopolita que empunharia a bandeira da tolerância e da aceitação da diferença, como imagem de uma nação que pode ser repartida entre todos, da qual todos podem, indistintamente, aproveitar as oportunidades.

Montreal pode igualmente ser caracterizada como cidade que atraiu (e atrai) muitos imigrantes vindos de outros países e migrantes do Canadá, uma “arrival city” – uma cidade “de chegada” – para usar de expressão de Dough Saunders (2010) quando se refere às migrações contemporâneas para determinadas cidades⁹. Muitos latino-americanos, entre outros grupos, procuram tais cidades em busca de trabalho e novas condições de vida.

Os narradores e personagens dos contos de *Les aurores montréalaises* se apresentam como sujeitos que atravessam a cidade, “estrangeiros” dando sua visão sobre o espaço metropolitano, construído, pois, sob pontos de vista variados, mas sempre com privilégio para a visão do “outro”, do estrangeiro, no sentido literal do termo, e, no seu sentido mais lato, do nativo que é “estrangeiro na própria terra”. Uma “image montréalaise de Babel” (uma imagem montrealense de Babel, como se lê no conto intitulado, como o livro, *Les aurores montréalaises*). Os contos de Proulx vão na contramão deste Imaginário de abertura e de aceitação das diferentes “alteridades” que expressaria o ethos da cidade de Montreal, acentuando nos enredos, sobretudo, histórias de desterritorialização e estranheza, de rejeição e aversão ao outro.

Dentre os vinte e sete contos que compõem *Les aurores montréalaises*, cinco textos exibem como título cores ou antes, combinações contrastivas de duas cores. Os cinco textos aparecem grafados em itálico e funcionam quase como prólogos dos contos que se lhe seguem.

“Gris et Blanc”, o conto que escolhemos para analisar, abre o conjunto e é uma espécie de chave de leitura para o livro. O narrador, um adolescente porto-riquenho, escreve uma carta que transmite ao destinatário a sua visão de imigrante da cidade de Montreal. A partir de um certo ponto, o leitor se apercebe que o interlocutor a quem se dirige o narrador é um cachorro, que, presume-se, teria ficado em Porto Rico, separado do dono.

O recurso à forma de carta, de saída, desestabiliza a recepção do texto, ocupando um entrelugar entre o público e o privado. Acrescente-se a isso a precariedade do receptor/destinatário, como ocorre, de resto, no gênero, mas que se acentua por tratar-se de um animal. Tal estranheza reforça a visão de “fora”, excêntrica da cidade que marcará também os outros contos do livro.

Predomina na descrição de Montreal a cor cinza, palavra que se repete muitas vezes no conto, como epíteto do estranhamento do espaço urbano pela voz narrativa.

⁶ (...) os contatos entre dejetos e arte se multiplicaram, o que deu lugar ao desenvolvimento de diversas estéticas do dejetos.

⁷ Nesta direção, escrevi ensaio sobre livro de contos de Marcelino Freire, com aproximações a produções artísticas contemporâneas. Cf. CURY, 2013.

⁸ A literatura pode também se utilizar dos dejetos? [...] a que exatamente corresponde a noção de dejetos se aplicada à língua, ao texto, ao discurso? E isto sem levar em conta sua tematização literária, ao nível da materialidade da linguagem? Trata-se, certamente, de um uso mais ou menos metafórico de “dejetos” mas muitos textos literários estabelecem uma ligação sutil entre a representação temática do dejetos não verbal e a figuração do material verbal como dejetos.

⁹ Embora, no caso do Canadá, Saunders esteja tomando mais pontualmente como exemplo a cidade de Toronto, cidade do chamado Canadá inglês, talvez possamos fazer inferências semelhantes com relação aos migrantes para a cidade de Montréal.

Ce qui me dérange le plus, car je ne veux pas te mentir, c'est le gris qui est la couleur nationale, et le côté nordique de la ville qui abolit extrêmement le soleil, les arbres, et d'autres choses secondaires auxquelles je suis habitué. (PROULX, 1997, p. 9)¹⁰

A feição caracteristicamente nórdica da cidade, que tanto estranhamento desperta no protagonista, de um certo modo, também aparece estranhada desde o título do livro, *Les aurores montréalaises*. Quebrando duplamente a expectativa do leitor que esperaria um “boréales” a adjetivar as “aurores” e que estranha, igualmente, o “montréalaises” no lugar do gramaticalmente correto “montréalaises”. A aproximação “procurada” entre *montréalaises* e *boréales* delimita, desde o título, uma enunciação espacialmente marcada, enunciação de vozes construídas a partir do norte como um espaço de não-pertencimento, de desterritorialização.¹¹ A aurora boreal, como se sabe, é fenômeno típico do hemisfério norte.

O contraste implícito entre os dois espaços – o canadense e o porto-riquense – trai as contradições dos diferentes trânsitos e a tendência do mundo globalizado a homogeneizar espaços e culturas diferentes. Como nos acentua Zarur:

Alguns dos textos exprimem, também, as ansiedades de seus autores quanto ao momento histórico da ‘globalização’. O estudo de Baeta Neves, por exemplo, aborda os conceitos de região e nação ante esta ideia totalitária de globalização, que procura anular as diferenças entre regiões e pessoas e que, também, reprime e ridiculariza, como ‘ultrapassadas’, posições que não fazem parte da grande receita do bolo neoliberal. (ZARUR, 2000, p. 9)

Expressão das identidades imigrantes emergentes no espaço canadense, a voz narrativa dissemina pelo texto as marcas discursivas que distinguem a retórica da modernização e do desenvolvimento do mundo globalizado.

Ça s'appelle Montréal. C'est un endroit nordique et extrêmement civilisé. Toutes les autos s'arrêtent à tous les feux rouges et les rires sont interdits passé certaines heures. (PROULX, 1997, p. 7)¹²

¹⁰ O que mais me incomoda, porque não quero mentir para você, é o cinza que é a cor nacional e o lado nórdico da cidade que extremamente aboliu o sol, as árvores e outras coisas secundárias às quais eu estava acostumada.

¹¹ Arjun Appadurai, em texto já anteriormente mencionado, para falar dos migrantes marginalizados nas sociedades de bem-estar social do Primeiro Mundo, usa, igualmente, de expressão que evoca a contradição presente na ocupação do espaço no mundo globalizado: “the south into the north” (o sul dentro do norte). Cf. APPADURAI, 2006.

¹² (Isto se) chama Montreal. É um lugar nórdico e extremamente civilizado. Todos os carros param em todos os sinais vermelhos e os risos são proibidos depois de certas horas.

Ao acentuar com intensidade o lugar a partir do qual emite seu discurso – ça s'appelle Montréal – o narrador/emissor, de saída, o faz por contraposição ao lugar ocupado pelo destinatário, Porto Rico. Assim divididos, os espaços de Montreal e de Porto Rico apresentam-se como antípodas: o primeiro marcado pela riqueza e ordem, contraposto à precariedade que se advinha no segundo.

Por meio da repetição do dístico “le chemin vers la richesse”¹³, ironicamente se desnuda que as conquistas materiais do espaço canadense, isto é, o acesso aos bens e à riqueza, não são absolutamente extensivas aos imigrantes pobres, àqueles que imigram para ocuparem os espaços da margem do Primeiro Mundo, aos que não se deslocam por motivos de turismo ou passeio.

Je dors sur le sofá, à côté du réfrigérateur merveilleux. Tout va bien, je me réveille souvent parce que le réfrigérateur ronfle, mais le chemin vers la richesse est rempli de bruits qui n'effraient pas l'oreille du brave. (PROULX, 1997, p. 7)¹⁴

A expressão, repetida, aponta para uma linguagem de restos, ou antes, para os restos de um discurso de conquista de cidadania e de bem-estar social por meio do trabalho duro e da persistência, recurso que aparece reciclado, ironicamente desvendado na sua vacuidade.

Si tu voyais ces magasins, Manu, ils ont des magasins que tu dirais des villages en plus civilisé et en plus garni, tu peux marcher des heures dedans sans avoir le temps de regarder tous les objets merveilleux que nous nous achèterons une fois rendus plus loin dans le chemin vers la richesse. (PROULX, 1997, p. 9)¹⁵

No decorrer da leitura, tal discurso, ironicamente assumido como verdadeiro pelo narrador, acentua o contraste com a precariedade das condições de vida de parcelas da população às margens da real possibilidade de riqueza. “Mamá, elle, est surtout dérangée par les toilettes des magasins, c'est là qu'elle travaille et qu'on la paye pour nettoyer. (PROULX, 1997, p. 8)¹⁶

Como nos diz Maria Bernadette Porto (2010) referindo-se aos trânsitos do mundo contemporâneo,

¹³ O caminho de acesso à riqueza.

¹⁴ Durmo no sofá, ao lado do refrigerador maravilhoso. Tudo bem, eu acordo frequentemente porque o refrigerador ronca, mas o caminho de acesso à riqueza é repleto de barulhos que não inquietam o ouvido de alguém corajoso.

¹⁵ Se você visse essas lojas, Manu, eles têm lojas que você diria que são pequenas cidades mais civilizadas e melhor abastecidas, você pode andar horas lá dentro sem ter tempo de olhar todos os objetos maravilhosos que nós compraremos logo que tenhamos ido mais longe no caminho de acesso à riqueza.

¹⁶ Mamãe ela se aborrece principalmente com os banheiros das lojas; é lá que ela trabalha e é paga para fazer a limpeza.

as cidades convocam os sentidos e o olhar da pós-modernidade imprime, com suas metamorfoses, novas formas de apreensão do espaço urbano e novas formas de percorrê-lo. E é pelos sentidos que é percebido este espaço da cidade de Montreal, pela voz deste jovem imigrante que vai negociando sua nova identidade no espaço precário que lhe cabe enquanto aguarda o acesso ao “chemin vers la richesse”, caminho do sonho de consumo de bens não disponíveis democraticamente.

Je ne veux pas que tu croies que la vie n'est pas bonne ici, ce ne serait pas vrai complètement, il y a des tas de choses que je vois pour la première fois, et l'odeur de la richesse commence même a s'infiltrer dans notre pièce et demi. Hier nous avons mangé des morceaux de boeuf énormes, Manu, et d'une tendreté comme il n'y en a pas à Puerto Queops, je t'envoie un échantillon bien enveloppé. (PROULX, 1997, p. 8-9)¹⁷

A desconstrução do uso democrático do espaço urbano é feita de modo indireto, sutilmente indiciando a interdição, as fronteiras invisíveis que cortam a cidade e inibem, mesmo que “gentilmente”, a circulação dos “estrangeiros”, cortando-lhes a possibilidade de divisar um “horizonte”, uma saída:

On peut marcher extrêmement logtemps, à Montréal, sans jamais voir d'horizon. Une fois, comme ça, en cherchant l'horizon, on s'est perdue et la guardia civile nous a ramenés très gentilement à la maison dans une auto neuve [...] (PROULX, 1997, p. 8)¹⁸

Indiciado aqui, na citação acima, o medo dos “pequenos números” – tomada a expressão ao título do livro do pensador indiano Arjun Appadurai (2006) – que precisam ser mantidos sob controle e cuja existência, de si, já é uma ameaça.

No conto, os proclamados direitos básicos do cidadão – trabalho, alimentação, o direito de ir e vir, o acesso ao consumo, aos bens que circulam tão intensamente no mundo globalizado – são apresentados como um conjunto de restos de linguagem, ideologicamente cumprindo função de acomodação e conformismo dos que, ocupando a parte debaixo da pirâmide social, se inserem precariamente no sistema, em funções pouco gratificantes e subalternas.

Para finalizar, gostaria de trazer rapidamente à cena do meu texto algumas reflexões de Jacques Derrida sobre a hospitalidade ao estrangeiro. Em texto que reflete sobre o conceito de hospitalidade, o filósofo parte da figura do estrangeiro e da aporia que representam sua recepção e aceitação enquanto outro (DERRIDA, 1997) e diz que a hospitalidade só pode se dar como atitude radical de aceitação do outro. Como é do feito dos últimos textos do

filósofo, também neste o leitor é instado a levar a reflexão para além do seu limite, instado a abarcar a urgência de uma nova conceituação. Forçando o pensamento ao seu limite, o filósofo posiciona-se politicamente sobre as aporias do tempo presente. Tal perspectiva é contemplada no texto quando se refere às aporias da hospitalidade ao outro, ao estrangeiro no nosso mundo globalizado: refêns na Chechênia, movimentos de re-colonização em várias partes do mundo, a situação dos argelinos na França- “franceses sem cidadania francesa” - a hierarquia perversa de hóspedes e de refêns sequestrados, em suas palavras “as urgências que nos assaltam neste fim de milênio”. Insta o leitor, ainda, a pensar num “ainda não”, num espaço quase imaginário, um “como se”, um *à venir*, que aponte para um *au-delà du cosmopolitisme*, um além do cosmopolitismo¹⁹, abrigo de um conceito de radical hospitalidade.

Ainda dentro do âmbito da hospitalidade de que trata Derrida em mais de um texto, Fernanda Bernardo marca o espaço desse “além do cosmopolitismo” enunciado por Derrida como possível superação da aporia da hospitalidade.

E porque nós não somos definidos de parte a parte pelo político ou, e noutros termos, porque nem tudo é político, é preciso ajustar a ética da hospitalidade a um além do Estado e ir portanto para além do cosmopolitismo. (BERNARDO, 2002, p. 425)

O conto de Monique Proulx de que vimos tratando se fecha, a despeito da extrema ironia que o permeia desde o início, com uma nota de esperança, com o predomínio da cor branca, o segundo elemento do título. As personagens imigrantes, mãe e filho, extasiam-se com a neve que cai e que pela primeira vez divisam pela janela. Com esta nota leve de esperança, a transformação do cinza em branco, aponta-se, sutilmente, para uma possível saída, para um futuro em construção.

O desenlace de Gris et Blanc, assim, nos exhibe a cidade de Montreal como um “à venir”. Cidade “ainda inacabada”, certamente já cosmopolita mas urgentemente

¹⁷ Não quero que você pense que a vida aqui não é boa, o que não seria inteiramente verdade. Há montes de coisas que eu vejo pela primeira vez, e o cheiro da riqueza começa a se infiltrar no nosso apartamento de duas peças. Ontem comemos pedaços enormes de carne, Manu, e de uma maciez que não temos em Porto Queops. Te envio um pedaço, bem embrulhado.

¹⁸ Pode-se andar longo tempo em Montreal, sem jamais ver nenhum horizonte. Uma vez, assim, procurando um horizonte, a gente se perdeu e um guarda civil nos trouxe de volta para casa, muito gentilmente, num carro novo...

¹⁹ O sentido de cosmopolitismo, aqui, tem como manifestação direta o de presença simultânea de várias nacionalidades no mesmo espaço territorial. Este sentido, na reflexão de Derrida pede por uma superação que responda aos desafios do mundo globalizado. Esta superação do conceito aponta para a dialética dos direitos humanos como pertencente à espécie humana. Neste sentido, cf. SANTOS, 2013.

demandante de um “além do cosmopolitismo” que verdadeiramente abrigue o outro e sua esperança de aceitação e acolhimento.

Metaforicamente no conto é ficcionalizada tal promessa de acolhimento à outridade, como formulação urgente e indispensável para fazer face às contradições de nosso tempo, afirmando o espaço político e ético da literatura.

Referências

APPADURAI, Arjun. *Fear of Small numbers: an essay on the geography of anger*. Durham/London: Duke University Press, 2006.

BHABHA, Homi K. Signs Taken for Wonders. In: ASHCROFT, Bill (Ed.). *The Post Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1997, p. 29-35.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERNARDO, Fernanda. A ética da hospitalidade, segundo J. Derrida, ou o porvir do cosmopolitismo por vir a propósito das cidades-refúgio, re-inventar a cidadania (II). *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, n. 22, p. 412-446, 2002.

BERND, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CRESSWELL, Tim. *On the move: mobility in the modern western world*. New York/London: Routledge, 2006.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Mobilidades literárias: migração e trabalho. *Ipotesi: revista de estudos literários*, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 2012.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Poéticas da precariedade. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 41, p. 33-46, jan./jul. 2013.

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle invite Jacques Derrida à répondre De L'Hospitalité*. Paris: Calmann-Lévy, 1997.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MOSER, Walter. Esthétiques du déchet. In: VILLENEUVE, Johanne; NEVILLE, Brian; DIONNE, Claude. *La mémoire des déchets: essais sur la culture et la valeur du passé*. Québec: Nota Bene, 1999.

MOSER, Walter. La culture en transit: locomotion, médiamotion, artmotion. *Gragoatá*, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense – Niterói, n. 17, p. 25-41, jul./dez. 2004.

PROULX, Monique. *Les aurores montréalaises*. Montréal: Boréal, 1997.

SANTOS, Milton. *Pobreza urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2013.

SAUNDERS, Dough. *Arrival city: how the largest migration in history is reshaping our world*. New York: Pantheon Books, 2010.

ZARUR, George de Cerqueira Leite (Org.). *Região e nação na América Latina*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília/ São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

Recebido: 15 de outubro de 2014
Aprovado: 20 de dezembro de 2014
Contato: mariazildacury@gmail.com